

CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES FORMATIVAS NA CONSTITUIÇÃO DA CONSCIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL EM DISCENTES DE LICENCIATURA

Jacqueline Zacarias Silveira¹

Patrícia Becker Engers²

Phillip Vilanova Ilha³

Resumo: A comunicação não verbal é expressa pela linguagem do corpo que assume o protagonismo na emissão de mensagens (Lunardelli, 2012). Como evento inerente à rotina da sala de aula, se faz imperativo que o corpo gestual, que para Antério (2014) é o corpo comunicativo que incorpora a linguagem produzida pelos gestos e feições, assumam seu lugar nas interações entre professor e aluno. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o processo das intervenções formativas sobre comunicação não verbal em acadêmicos de licenciatura e as contribuições destas no desenvolvimento da consciência comunicativa. Caracterizada quanto aos objetivos como exploratória e, quanto ao método, como intervenção pedagógica, que na perspectiva de Damiani e colaboradores (2013) busca propor melhorias e avanços na formação e aprendizagem dos sujeitos participantes, a pesquisa contou com a participação de 18 discentes, de dois cursos de licenciatura, Educação Física e Ciências da Natureza, de uma universidade do interior do Rio Grande do Sul. O estudo se alicerçou em três etapas: entrevista inicial, intervenções pedagógicas e entrevista final, respectivamente. Os resultados foram oriundos das duas entrevistas semiestruturadas e das observações e anotações no diário de campo, para a posterior análise de conteúdo. Infere-se que, após as intervenções formativas, as concepções dos discentes, sobre a temática abordada, foram ampliadas quanto à compreensão e a quantidade expressiva de elementos que compõem o corpo expressivo. Por parte dos sujeitos, ficou evidenciado que a formação docente deveria ser contemplada com um componente específico que verse sobre a comunicação não verbal.

Palavras-chave: competência comunicativa; intervenção formativa; comunicação assertiva; corpo comunicativo.

1 Mestra em Educação em Ciências- Unipampa/Uruguaiana. Especialização em Educação; graduada em Letras e Educação Física; docente no curso de Educação Física-URCAMP/Alegrete. Email: jacquelinesilveira.aluno@unipampa.edu.br

2 Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Especialização em Atividade Física e Saúde e Graduação em Educação Física pela UNIPAMPA.

3 Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Docente do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, UFSM. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Educação em Ciências e do PPG em Educação, UFSM.

CONTRIBUTIONS OF FORMATIVE INTERVENTIONS IN THE CONSTITUTION OF THE CONSCIOUSNESS OF NON-VERBAL COMMUNICATION IN UNDERGRADUATE STUDENTS

Abstract: Non-verbal communication is expressed through body language, which takes the lead in issuing messages (Lunardelli, 2012). As an event inherent to the classroom routine, it is imperative that the gestural body, which for Antério (2014), is the communicative body that incorporates the language produced by gestures and features, takes its place in interactions between teacher and student. Thus, the present study aimed to analyze the process of training interventions on non-verbal communication in undergraduate students and their contributions to the development of communicative awareness. Characterized in terms of objectives as exploratory and, in terms of method, as a pedagogical intervention, which from the perspective of Damiani and collaborators (2013), seeks to propose improvements and advances in the training and learning of participating subjects, the research involved the participation of 18 students, from two undergraduate courses, Physical Education and Natural Sciences, from a university in the interior of Rio Grande do Sul. The study was based on three stages: initial interview, pedagogical interventions and final interview, respectively. The results came from two semi-structured interviews and observations and notes in the field diary, for subsequent content analysis. It is inferred that, after the training interventions, the students' conceptions of the topic addressed were expanded in terms of understanding and the expressive quantity of elements that make up the expressive body. On the part of the subjects, it was evident that teacher training should include a specific component that deals with non-verbal communication.

Keywords: communicative competence; formative intervention; assertive communication; communicative body.

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos imemoriais, o corpo se faz presença através do movimento, que na intencionalidade ou não, está sempre a demonstrar ou informar algo. Mensageiro de emoções, sentimentos ou necessidades, este valioso instrumento acompanha o longo percurso da evolução humana, ora se construindo, ora se reconstruindo. Um corpo constituído pela totalidade de contextos ao qual o ser humano pertence (Silva; Pereira, 2009). Nesta diversidade de ambientes, o corpo se projeta como ferramenta comunicativa, ancorando-se nos diversos elementos disponíveis para que a expressão se concretize.

A comunicação não verbal é a configuração deste corpo que fala pelos gestos, pelas expressões faciais, pela imagem corporal, pelas posturas adotadas durante os eventos comunicativos, e “o corpo nada mais é do que o maior meio de comunicação que temos” (Mantovani; Ribeiro, 2018, p.2). A comunicação não verbal além de transmitir uma mensagem, legitima o real sentido da informação (Magalhães, 2010). É a modalidade que se faz imponente durante as conversações, complementando, reforçando e em muitas vezes, substituindo a fala. Nela, as mensagens são transmitidas de forma ininterrupta e, por ser contínua, deixa transparecer os mais íntimos sentimentos do ser humano (Viana, 2014), exercendo,

assim, uma notável responsabilidade nas interações e, por conseguinte, nos relacionamentos interpessoais (Souza; Leal; Sena, 2010).

Muitos dos gestos comunicativos não são percebidos durante o uso, até mesmo inconscientes da sua existência. Esta desinformação também se estende para o contexto escolar, cenário que centraliza o tema deste estudo. Para Silva *et al.* (2000) as interações, por meio da linguagem não verbal, detêm uma complexidade, o que pode dificultar a tomada de consciência dos gestos em uso. Por sua vez, Antério e Gomes-da-Silva (2015) defendem a improbabilidade do gesto corporal não acompanhar a linguagem verbal, o que pode favorecer o uso da gestualidade na inconsciência.

A comunicação, além de exigir a presença dos sujeitos, emissor e receptor, demanda que as mensagens expressas sejam compreendidas por ambas as partes, uma vez que se processa numa via de mão dupla, aquele que recebe, também responde. Neste caminho, Magalhães (2010) salienta que a base da comunicação é a interação entre dois indivíduos e todo ser humano assume o papel de emissor e receptor. E as interações se efetivam na medida em que sejamos conhecedores da nossa própria linguagem, o que fundamentará o entendimento acerca do outro.

O exercício da ação docente é uma arte e tem como imperativo a atuação de um profissional que não fique atrelado apenas no domínio dos conteúdos. Urge, mais do que nunca, que a visão do docente seja ampliada, vislumbrando não somente domínio do conteúdo a repassar ao aluno, mas a forma como este repasse chega aos mesmos, evitando assim tornar a comunicação apenas transmissiva (Magalhães, 2010). E, neste espaço, concernente à conquista do educando, buscando aproximá-lo do universo educativo, que a comunicação não verbal entra em cena, ocupando seu merecido lugar, dando voz ao corpo que se une à linguagem verbal. É na apropriação dos muitos códigos não verbais, existentes em seu corpo, que o professor estará instrumentalizado a ler os sinais do corpo do aluno, que também informa, emite mensagens, muitas delas, sensíveis apenas ao olhar de quem realmente sabe legitimar os significados emanados. A comunicação, vista sob a ótica social em permanente uso de variantes comunicacionais, possibilitará espaços interativos mais amplos (Magalhães, 2010). Posto isto, cita-se Mantovani e Ribeiro (2018, p. 2) que alertam para a necessidade de “estar atento para decodificar as mensagens não verbais que nos é transmitida”.

Lopes (2018) reforça a importância do papel da comunicação verbal e da não verbal na aprendizagem. Para a autora, ambas as modalidades não devem ser pensadas apenas como recurso para as aulas expositivas, mas sim, como uma forma de estimular e motivar as interações na sala de aula. E, se forem efetuadas de forma convicta e consciente pelo professor, auxiliarão a ação deste em “prender a atenção dos discentes e envolvê-los, tanto nas tarefas pedagógicas, quanto no processo comunicativo-interativo, que além de atribuir significados às ações docentes, os coloca em contato com o mundo” (Lopes, 2018, p. 15).

Neste viés, a vertente investigativa a que se propôs este estudo, buscou analisar o processo das intervenções formativas sobre comunicação não verbal

em acadêmicos de licenciatura e as contribuições destas no desenvolvimento da consciência comunicativa. Como objetivos secundários a pesquisou elencou: caracterizar o perfil e descrever as concepções e vivências prévias dos acadêmicos sobre comunicação não verbal; analisar o processo de desenvolvimento de intervenções formativas desenvolvidas com acadêmicos de licenciatura e, verificar se as mesmas contribuíram para a consciência comunicativa. Por fim, tencionou-se identificar as percepções dos acadêmicos sobre a contribuição da comunicação não verbal no processo de ensino, após a participação dos mesmos nas intervenções.

Para tanto, o presente artigo está estruturado em três seções. Primeiramente, os percursos metodológicos que permearam o estudo e direcionaram à obtenção dos dados para posterior análise. Na segunda seção, são apresentados os resultados e discussões apresentados a partir de três eixos: perfil dos participantes e concepções sobre comunicação não verbal; o desenvolvimento das intervenções formativas; as contribuições das intervenções formativas e, por fim, na terceira seção, apresentam-se as considerações finais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa situa-se nos domínios da abordagem qualitativa, caracterizada quanto aos objetivos como exploratória (Gil, 2018) e, quanto ao método, como intervenção pedagógica (Damiani *et al.*, 2013).

Para Gil (2018), as pesquisas exploratórias têm como finalidade a aproximação direta com o problema de pesquisa, na perspectiva de torná-lo mais compreensível ou até mesmo formular hipóteses. Nesse sentido, o método deu-se através da pesquisa do tipo intervenção pedagógica, uma vez que, se propôs fazer interferências em cursos de licenciatura, com vistas a propor melhorias e avanços na formação e aprendizagem dos sujeitos participantes, o que na perspectiva de Damiani e colaboradores (2013) envolve planejamento e criatividade por parte do pesquisador que, fundamentado em uma teoria, dialoga com a mesma, tendo assim, elementos que auxiliarão na compreensão da realidade e na implementação da intervenção.

Para a exequibilidade do estudo e seleção dos participantes, inicialmente foi feito contato com a universidade e as coordenações dos cursos de Educação Física e Ciências da Natureza para apresentação do projeto e solicitação de anuência do mesmo. Após a anuência, foi proposta aos cursos a oferta do Componente Curricular Complementar de Graduação (CCCG) intitulado “A Linguagem do Corpo na Comunicação Docente”. Este CCCG foi ofertado no semestre letivo 2021/2, com carga horária de 30 horas e ministrado por um docente do curso de Educação Física, pesquisador do estudo, e auxiliado pelos demais pesquisadores. Os discentes se matricularam voluntariamente no CCCG e aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), totalizando 18 discentes.

Para alcançar os objetivos almejados, esta pesquisa se desenvolveu em três etapas. Na primeira etapa, buscou-se caracterizar o perfil dos participantes e

descrever suas concepções sobre comunicação não verbal. Os dados, nesta etapa, foram coletados por meio de uma entrevista individual, semiestruturada e de forma remota, através da plataforma virtual Google Meet. As mesmas foram gravadas para posterior transcrição e análise, utilizando o recurso da própria plataforma utilizada. As entrevistas foram agendadas previamente e ocorreram antes das intervenções formativas. O roteiro da entrevista constou de cinco perguntas relacionadas a idade dos sujeitos participantes, curso de formação, ano de ingresso e, quanto às vivências e concepções prévias dos mesmos em comunicação não verbal.

A segunda etapa centralizou-se no desenvolvimento das intervenções formativas no CCCG, com intuito de desenvolver a consciência comunicativa dos participantes. Foram desenvolvidas quinze intervenções, sendo que sete se deram de forma remota e, as oito restantes, de forma presencial. As intervenções remotas se deram através de uma sala virtual, por meio do aplicativo Google Meet, com *link* previamente gerado pelos pesquisadores e enviado aos discentes. As intervenções presenciais ocorreram nas dependências da universidade (ginásio e sala de aula). As intervenções ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2021 de forma remota, e de janeiro a março de 2022, presencialmente, com encontros quinzenais com duração de duas horas.

Nesta etapa, através da observação participante, o foco recaiu sobre a linguagem corporal dos sujeitos participantes, observando os sinais corporais expressos por meio da gestualidade (utilização das mãos e braços durante a fala, movimentação do corpo); das expressões faciais (todas as expressões emitidas pelo rosto), das posturas adotadas pelos acadêmicos durante as apresentações das atividades (mãos no bolso, braços cruzados, cabeça inclinada para frente, rigidez na manutenção das posturas); sinais de timidez e insegurança (curvatura da coluna, desvio do olhar para o foco a que se destina, respiração ofegante); criatividade motora (riqueza na elaboração das atividades propostas) e oralidade (tom da voz, fluência e velocidade da fala). Todos estes aspectos foram registrados no diário de campo para posterior análise. Foram desenvolvidas as seguintes formações:

Quadro 1- Cronograma das intervenções formativas

Encontros	Temas/Objetivo	Atividades
1º ao 7º	Corpo e Corporeidade/Tomada de consciência sobre o corpo e comunicação não verbal (conceitos).	Atividade prática despertando os diferentes segmentos do corpo.
8º e 9º	Autoconsciência e consciência do outro/ Despertar a consciência sobre as possibilidades motoras e gestuais no seu corpo e no corpo outro.	Atividades no grande grupo por meio das seguintes propostas: quem sou eu? (breve apresentação ao grande grupo por meio de gesto e, depois, através da verbalização); imagem e ação (representação gestual de temas como filme, objeto e ação); diálogo da indiferença (demonstrar indiferença ao outro, no sentido de conscientizar da importância da escuta); três informações que eu gostaria de saber sobre o outro (atividade em dupla).
10º e 11º	Diálogos verbais e não verbais: diferenciados e, posteriormente, mistos/ Exercitar as diferentes habilidades comunicativas.	Diálogos verbais em duplas; exercícios de colocação do corpo e seus seguimentos durante a fala; exercícios de livre criação e expressão através da elaboração de um objeto imaginário e sua utilização.
12º e 13º	Práticas corporais com ênfase na gestualidade/ Desenvolver a consciência comunicativa.	Siga-me (interpretar a mensagem corporal do outro e dar sequência nesta); feira de objetos (apresentar um objeto imaginário e descrevê-lo).
14º e 15º	O corpo fala/ Oportunizar a livre expressão e criatividade motora.	A marionete; esquetes (com temas livres e orientados e, em grupos de no máximo quatro pessoas); Role Playing; espelho; movimento sem fio (baseado na atividade telefone sem fio).

Fonte: os autores

Na terceira e última etapa, por meio de uma nova entrevista semiestruturada, buscou-se verificar se as intervenções formativas alteraram a consciência comunicativa de acadêmicos de licenciatura, como também, identificar as percepções dos acadêmicos sobre a contribuição da comunicação não verbal no processo de ensino. O instrumento constou de sete questões que versaram desde as concepções dos discentes sobre comunicação não verbal a partir das vivências práticas até a contribuição desta na sua formação. Ressalta-se que esta etapa ocorreu após a finalização das intervenções e foi efetivada de forma remota, através do Google Meet. A aplicação das entrevistas teve data e horário previamente agendados, mediante disponibilidade dos participantes e realizada de forma individual.

Para as análises dos dados empregou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Inicialmente realizou-se as transcrições das entrevistas, após a pré-análise das respostas, da qual foi feita uma leitura flutuante. A seguir, foi realizada a exploração do material, com a identificação das unidades de registro e de contexto (palavras-chaves e os seus significados), agrupando-as através da análise categorial,

conforme o contexto semântico. Para auxiliar a análise de conteúdo utilizou-se o *software* Atlas.ti 9.

O estudo foi conduzido de acordo com os princípios éticos, em conformidade com a Resolução nº 510/16 do Ministério da Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas da universidade, sob o número CAAE nº 51079521.10000.5323. De modo a preservar as identidades dos sujeitos participantes, utilizou-se de pseudônimos para se referir aos discentes (D1, D2, ... D18).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na pesquisa e as discussões serão apresentados a partir de três eixos: perfil dos participantes e concepções sobre comunicação não verbal; o desenvolvimento das intervenções formativas; as contribuições das intervenções formativas.

3.1 Sujeitos, vivências e concepções prévias sobre comunicação não verbal

Sendo o estudo voltado para dois cursos de licenciatura, o mesmo contou com 18 sujeitos, tendo maior representatividade do curso de Educação Física com 16 discentes, concentrando o ingresso dos mesmos entre os anos de 2012 a 2019, com 61,11% dos ingressantes no ano de 2019. A idade dos participantes variou entre 20 a 51 anos, e a média de idade foi de 21 anos, com 27,7%. Observou-se que 55,5% pertencem ao gênero feminino e 44,4% ao gênero masculino.

Ao serem questionados se já haviam vivenciado a comunicação não verbal, seja em forma de cursos, oficinas ou até mesmo durante o processo formativo, apenas um (01) manifestou ter vivências, através da dança. A partir desta referência, buscou-se ouvir as concepções prévias dos participantes acerca da comunicação não verbal.

A partir dos relatos e pela leitura flutuante, conforme núcleo de sentido e similaridade, as respostas dos participantes foram classificadas nas seguintes categorias: expressão do corpo (77,7%), que representa as respostas relacionadas aos gestos expressivos do corpo, seguido da ausência de palavras (55,5%), que representa a comunicação sem a utilização da palavra, tanto escrita quanto falada, como respostas que mais se sobressaíram. Porém, os sujeitos também manifestaram, na sua compreensão, outros aspectos como comunicação facial, aqui representada pelas expressões do rosto e comunicação por imagens, que representa uma forma de comunicação visual, ambas com 33,3%; desempenho durante a fala, representada pelo comportamento corporal da pessoa enquanto fala e Libras, como uma forma de comunicação não verbal, com 11,1%. A ausência de expressão em uma pessoa; comunicação impessoal, ou seja, aquela que não concretizada face a face; comunicação informal, aquela utilizada apenas no cotidiano; comunicação não concreta e, a imagem que a pessoa transmite através do corpo, obtiveram apenas 5,5% cada.

Portanto, de forma geral, os discentes não possuíam vivências prévias em comunicação não verbal. Relativo às concepções sobre a temática da pesquisa, os conceitos estavam alicerçados na percepção da comunicação não verbal como expressão do corpo e ausência de palavras com maior predominância. Esta visão restrita vai de encontro ao que destacam Andrade *et al.* (2014), no fato de a comunicação não verbal ser representada não só pelo gestos, mas se faz representar pela “face, postura e orientação corporal, aparência física entre outros aspectos que relacionam o corpo ao ambiente” (Andrade *et al.*, 2014, p. 95).

3.2 Desenvolvimento das intervenções formativas

Diante da realidade evidenciada e pautada nos objetivos propostos, deu-se início às intervenções formativas, às quais, no primeiro momento, adequando-se ao cenário pandêmico vigente, pois os discentes ainda permaneciam em isolamento social, foram desenvolvidas de forma remota, através de sete encontros síncronos, desenvolvidos pela plataforma do Google Meet. Estes primeiros encontros buscaram incitar os discentes a refletirem sobre a temática proposta pela pesquisa. Foram desenvolvidos temas como corpo e corporeidade, a comunicação e suas modalidades verbal e não verbal e a importância da linguagem corporal como meio de expressão e comunicação, já descritas no Quadro 1.

Constatou-se que poucos discentes participaram espontaneamente por meio da verbalização. Houve a necessidade da indução, por parte dos pesquisadores, à participação mais efetiva. Mas ressalta-se que não houve restrição de nenhum discente, quando solicitados a se expressar. Registra-se que foi ofertada uma vivência prática, com o objetivo de explorar os diferentes segmentos do corpo e suas múltiplas possibilidades motoras. Neste encontro, os discentes, na sua maioria, mantiveram as câmeras abertas.

Para Alves e Miranda (2021) o cenário imposto pela pandemia dificultou as interações, o que demandou esforços redobrados por parte dos docentes na busca pelo interesse dos alunos em suas aulas. Mesmo com a ausência da presença física, os gestos e a expressividade foram imperativos na atuação do professor que esteve frente às câmeras. Os autores ressaltam que videoaulas em que os professores se utilizam dos gestos e da expressividade são as que demonstram maior comunicação e aproximação com os sentidos conversacionais presentes no dia a dia da sala de aula.

Assim posto, depreende-se que o cenário virtual que norteou as intervenções formativas não impossibilitou que a linguagem do corpo atravessasse as câmeras e chamasse os discentes para este convidativo universo da comunicação não verbal. Os pesquisadores, apropriados da importância do uso assertivo do aparato gestual contido no corpo, otimizaram o uso dos gestos, estes que “são janelas para a mente, facilitam a aquisição e memorização daqueles que assistem às videoaulas” (Alves; Miranda, 2021, p. 347). E, ao concretizar esta etapa, os encontros virtuais foram encerrados, deixando grandes expectativas, por parte de todos os envolvidos, à espera pelo retorno, que seria presencial.

No segundo momento, a partir da normativa que permitiu o retorno das atividades presenciais nas universidades e, seguindo todos os protocolos vigentes, os pesquisadores deram início às intervenções presenciais, que elencaram uma temática específica para cada dois encontros. Deste modo, a oitava e nona intervenções, fundamentadas na fase anterior, abordaram, de forma prática, a autoconsciência e a consciência do outro, com ênfase no despertar da percepção sobre as possibilidades motoras e gestuais sobre o seu corpo e em relação ao corpo do outro. Foram desenvolvidas atividades de cunho lúdico e interativo, estimulando a livre expressão e criação gestual, o conhecimento das características do grupo, buscando resgatar os vínculos e, ao mesmo tempo, criar novos, uma vez que os discentes, estavam pela primeira vez, voltando ao formato presencial.

As expressões faciais, a importância do olhar durante o diálogo também foram exercitadas nestes encontros, que ao término de cada atividade, se constituía de uma pausa, onde os pesquisadores incitavam os discentes a verbalizar o que haviam sentido ao desenvolver cada proposta e qual o propósito destas dentro da comunicação não verbal. Os pesquisadores, após ouvirem o relato do grupo, explicavam, por sua vez, a intencionalidade da atividade proposta e como ela contribui no desenvolvimento da comunicação não verbal.

A partir destes dois encontros, todas as intervenções passaram a culminar com um momento para *feedback* dos participantes. E, ao final destas duas primeiras intervenções presenciais, emergiram importantes avaliações, apresentadas através dos extratos que confirmam a satisfação dos discentes quanto às atividades propostas:

[...] a metodologia que ela usou a gente nem percebeu o tempo passar assim (D13).

A didática, a dinâmica da aula foi passada de uma forma muito positiva (D10).

Por que cada atividade tinha uma proposta diferente. Direcionado para um determinado tema, determinado tópico. E isso auxilia bastante na tua reflexão [...]. E, como sujeito, utilizando principalmente uma linguagem não verbal (D14).

Foi possível inferir, pela participação de todos, que os discentes estavam empolgados com a primeira aula prática presencial. Justifica-se esta afirmação pelo fato de que a proximidade ofertou ao corpo de cada participante perceber tanto a sua expressão corporal como a do outro. E, nestas observações, constatou-se que as interações foram se reconstruindo, pois as atividades propostas, todas de caráter lúdico, foram muito bem aceitas e vivenciadas pelo grupo. E como primeiro contato, após dois anos de afastamento social e acadêmico, este momento foi representativo na manifestação das emoções, sentimentos e necessidades de interações retidos no corpo. Embora alguns participantes tenham demonstrado, inicialmente, um pouco de inibição, este aspecto não foi empecilho para a participação e interação nas tarefas propostas.

Para Antério e Gomes-da-Silva (2013) é vital reconhecer a relação entre corpo e meio, no sentido de perceber e perceber-se no meio em que está inserido.

Sobressai-se na visão dos autores, ao legitimar as interações, que as mesmas devem ser compreendidas em sua totalidade e, direcionadas ao contexto da sala de aula, intencionar o melhor aproveitamento das relações estabelecidas. Sendo assim, na rotina vivenciada no dia a dia da sala de aula, se faz eminente compreender e ser compreendido, pois nela estão introjetadas muitas formas de comportamento, tanto explícito quanto implícito.

As intervenções de número 10 e 11 concentraram seu escopo nos diálogos verbais, não verbais e as diferentes habilidades comunicativas, porém, de forma diferenciada. As atividades desenvolvidas pautaram na oralidade, gestualidade e criatividade motora,

Todos os discentes participaram. Alguns de forma mais espontânea, outros, precisaram ser estimulados e motivados pelos pesquisadores, mas ofertaram respostas positivas e aos poucos, no decorrer das atividades, foram participando de forma natural.

No momento dedicado ao *feedback*, foi organizada uma roda reflexiva, de onde emergiram importantes reflexões por parte dos discentes. Foram relatadas as suas perspectivas sobre a comunicação não verbal, a importância para a formação profissional, as quais podem ser observados nos seguintes extratos:

O comportamento corporal e os gestos, a expressão ajuda muito [...] (D3).

[...] a gente acaba levando um pouco para o resto, agora, da vida (D6).

Eu acho que é uma oportunidade da gente refletir sobre o que a gente quer passar para o aluno. E como a gente quer ser vista pelo aluno (D13).

Percebeu-se, quando levados a participar, que os discentes que demonstraram constrangimento inicial desconheciam seu potencial comunicativo e as atividades, no decorrer das intervenções, possibilitaram esta tomada de consciência, não apenas sobre o seu corpo, mas observando o corpo e a forma de comunicação dos demais participantes. Ressalta-se aqui a importância das vivências na prática, o que desencadeou importantes reflexões e discussões sobre a forma como cada um se comunica e a imagem que passam através da postura adotada durante a comunicação.

Quanto à temática abordada, Weil e Tompakow (2012) destacam o dom perceptivo do homem em relação aos seus semelhantes. A priori pela percepção corporal, antes da inventividade da gramática e dos dicionários, isto porque “os corpos de seus semelhantes falam diante dos seus olhos” (Weil; Tompakow, 2012, p.11). Neste sentido, Antério (2014) sinaliza os significados do vocabulário corporal, que devidamente interpretados, possibilitam amplificar as possibilidades expressivas e compartilhá-las. Porém, o autor conclama um olhar atento aos indícios que o corpo expressa.

[...] não apenas os mais visíveis, perceptíveis a todo e qualquer olhar. Referimo-nos àqueles que são ofuscados pela avalanche de informações que temos na

contemporaneidade, sobretudo devido a esta massificação tecnológica, das informações instantâneas e voláteis (Antério, 2014, p 389).

O autor supracitado, em sua colocação, faz menção à necessidade de um olhar mais sensível à linguagem do corpo e os sinais comunicativos que dela emanam e, muitas vezes, passam despercebidos. Lunardelli (2021) acrescenta que, estudos realizados, vêm demonstrando a presença de um grande número de elementos não verbais durante um evento comunicativo. Assim, a comunicação não verbal, ao ser estimulada e desenvolvida, desperta a reflexão sobre as capacidades expressivas e gestuais.

Na sequência da linha temática que alicerça esta pesquisa, nas intervenções 12 e 13, o foco das atividades recaiu sobre as práticas corporais com ênfase na gestualidade, em consonância com o desenvolvimento da consciência comunicativa. O encontro iniciou com um círculo para uma conversa inicial, rememorando as atividades trabalhadas no encontro anterior. Todos os discentes participaram ativamente, mostrando entusiasmo. A criatividade foi estimulada durante as atividades e, no primeiro momento, o encontro se desenvolveu no ginásio. Em nenhum momento, foi solicitado intervalo por parte dos discentes, os quais se envolveram de forma espontânea, prazerosa e criativa em todas as atividades. Como de costume, ao término de cada proposta, os pesquisadores ouviram os discentes e, posteriormente, complementaram suas interpretações com uma explanação sobre a intencionalidade da proposta realizada no exercício da docência.

O segundo momento dessas duas intervenções se desenvolveu em uma sala climatizada. A mudança de cenário se deu por motivo que as atividades estavam cada vez mais complexas e exigiam maior aproximação e concentração entre os sujeitos. Desta forma, passou-se a exercitar as diferentes modalidades comunicativas verbal e não verbal, porém, de forma combinadas. Os discentes realizaram atividades discursivas com diferentes temáticas e dinâmicas. Cada dupla, ao término da tarefa, se dirigia até a frente dos demais para apresentar seu trabalho. No decurso das apresentações constatou-se, através da observação participante, que afloraram muitos sinais não verbais, tais como: posição dos braços, por vezes cruzados ou nos bolsos, mudança na entonação da voz, movimento das mãos, direção do olhar, entre outros.

O momento delegado ao *feedback* do grupo, desencadeou uma discussão rica e reflexiva acerca da comunicação e sua importância através das diferentes formas apresentadas pelas duplas. Com a mesma intencionalidade atribuída às demais atividades, novamente foi transportada para a sala de aula os resultados desta vivência, estimulando o grande grupo a expressar e relatar suas experiências vividas com alunos durante os estágios, com outros professores e a destacarem referências sobre docentes que sabiam usar o corpo e as expressões na sala de aula. Revelou-se, através das falas, os temores e a insegurança dos discentes quanto ao exercício da futura docência. Foi de consenso do grande grupo que a comunicação com clareza e objetividade, ou seja, os gestos corretos, a postura, o movimento do professor, seu tom de voz, a organização da sala de aula, se constituem em importantes elementos

que favorecem e estimulam os alunos ao aprendizado e fixação da atenção no professor.

Ao corroborar o entendimento dos discentes sobre a essencialidade dos muitos elementos do corpo como facilitadores da aprendizagem, Antério (2014), nesta perspectiva, ainda reforça que para o sujeito se expressar, primeiramente deverá estar ciente das suas possibilidades comunicativas pelo corpo.

As duas últimas intervenções, 14 e 15, revelaram o corpo comunicativo. A consciência de que os gestos denunciam importantes informações e ao mesmo tempo enriquecem a comunicação verbal, levou os pesquisadores a proporem atividades que abrissem espaço para o corpo falar. Nestes encontros foram desenvolvidas atividades de consciência corporal e gestual, esquetes e a dinâmica *Role Playing*⁴. De forma colaborativa, os grupos montaram uma cena, onde todos os participantes atuaram. O tema deveria se reportar a uma situação vivida em sala de aula. Organizados em grupos de quatro discentes, cada grupo apresentou suas tarefas. Ao término de cada apresentação, os demais avaliavam e identificavam os sinais não verbais presentes. Ressalta-se que foram identificados muitos sinais não verbais, o que fortaleceu o entendimento e compreensão sobre estes importantes elementos durante a comunicação.

Nestas intervenções constatou-se a desenvoltura dos sujeitos no transcurso das atividades. A apropriação da temática e suas implicações na melhora da comunicação foi possibilitando aos sujeitos se desprenderem, aos poucos, da timidez e adquirirem autoconfiança. As atividades, principalmente aquelas que instigaram a apresentação na frente da turma, sob o olhar de todos, conduziram a construção de um corpo mais expressivo e comunicativo, o que leva a uma linguagem não verbal mais natural e confiante dos discentes.

Como *feedback* foi expressa, de forma plural, a importância destes encontros, sua relevância no desenvolvimento dos discentes e a contribuição nos aspectos afetivos e psicológicos, pontualmente, neste retorno das aulas presenciais. Mencionou-se o tempo decorrido, que havia sido despercebido, devido as propostas serem estimulantes e criativas. Muitos discentes falaram que não esperavam este retorno por parte do CCCG, pois alguns haviam se matriculado sem a mínima noção da temática e também por terem que cumprir o componente, mas estavam mais do que satisfeitos e, que suas expectativas estavam além do que esperavam.

Nas falas dos discentes estão expressas as suas considerações sobre as vivências nas intervenções:

[...] a cadeira me ajudou a conseguir me expressar melhor em outras cadeiras do curso. Então acredito que dessa forma, ela tenha contribuído na minha formação. Conseguir me comunicar melhor com as pessoas e com o que eu quero passar para elas (D4).

4 *Role Playing* é uma simulação ou encenação de um evento real, que remete a uma situação cotidiana

A gente conseguiu despertar a criatividade. A gente podia se sentir livre para contribuir (D5).

Então foi uma ótima maneira de retomar essas atividades presenciais. Contribuí muito nesse retorno e tende a contribuir para vida de uma maneira geral, não só na parte acadêmica, mas em todas as outras relações, em todas as outras questões (D16).

Ao encontro do que foi expresso pelos discentes, “a linguagem não-verbal pode atuar de forma poderosa sob os aspectos emocionais, afetivos e racionais durante a comunicação” (Andrade *et al.*, 2014, p. 606). Postulada por Magalhães (2010), a comunicação não verbal tem por função versar sobre o comportamento emotivo, cognitivo e motivador do emissor para o receptor e que são revelados por meio dos sinais não verbais. O encerramento das intervenções formativas foi emocionante. Os depoimentos sobre a componente, suas dinâmicas e contribuições frutificaram-se em agradecimentos de todos os envolvidos.

3.3 Contribuições das intervenções formativas

A partir das vivências nas intervenções formativas foi possível identificar as percepções dos discentes sobre a comunicação não verbal, avaliar e averiguar as contribuições destas no desenvolvimento da consciência comunicativa destes sujeitos. Dos relatos, através da análise de conteúdo (Bardin, 2011), prevaleceram as respostas cujos núcleos de sentidos originaram as seguintes categorias:

Quadro 2: Categorias e núcleos de sentido

Categorias	Núcleos de sentidos
Comunicação através do corpo	Gestos; expressão corporal; movimento.
Ausência de palavras	Não utiliza a fala.
Complemento da comunicação verbal	Completa a mensagem verbal.
Comunicação por meio da imagem corporal	Imagem da pessoa.
Consciência comunicativa do corpo	Percepção dos gestos expressivos.
Compreensão da comunicação não verbal	Importância da expressão corporal na comunicação.
Interpretação dos códigos corporais	Observação e compreensão dos sinais e gestos corporais.
Superar desafios	Vencer a timidez.
Consciência comunicativa	Autoconsciência dos gestos.
Consciência na atuação docente	Confiança e domínio na futura ação docente.
Aproximação do professor com o aluno	Contato mais direto com o aluno; leitura e interpretação das expressões do corpo do aluno.
Imagem corporal do docente frente ao aluno	Como o professor é visto pelo aluno.
Mudanças na metodologia	Novas formas de dar aula.
Nova construção docente	Mudanças de paradigmas na docência.

Fonte: os autores

Após as intervenções formativas, quando questionou-se novamente sobre a concepção de comunicação não verbal, grande parte das respostas convergiram para a comunicação através do corpo, expressa por 17 discentes e a comunicação onde predomina a ausência das palavras, citada por 13 discentes. Mesmo em menor relevância, mas com significância nesta modalidade comunicativa, a comunicação não verbal como complemento da comunicação verbal e a comunicação por meio da imagem corporal, cada uma citada por 1 discente, foram proferidas pelos sujeitos, expressas nos fragmentos a seguir:

Eu acho que no momento que a gente consegue unir essas duas, a não verbal com a verbal, a gente consegue levar mais confiança para pessoa que está nos ouvindo (D9).

A comunicação não-verbal são todas as expressões né. Ela vai desde o olhar, gestos, tudo o que a pessoa está expressando (D14).

A partir dos fragmentos apresentados, evidencia-se a importância das duas vertentes comunicacionais, o que promoverá maior efetividade na comunicação humana, esta que é responsável por integrar e sustentar uma sociedade (Magalhães, 2010). Ao atribuir-se ao corpo o significado maior de representatividade da comunicação não verbal, evidenciou-se que os discentes percebem a participação dos movimentos, dos gestos provenientes dos diversos segmentos do corpo, das expressões faciais, a presença do comunicante e as posturas adotadas pelo mesmo. Isto denota que houve maior amplitude na conceituação acerca dos elementos expressivos presentes no corpo.

Os aspectos revelados pelo corpo na sua totalidade, em conjunto com a comunicação não verbal, são considerados por Souza, Leal e Sena (2010), responsáveis por dar sentidos específicos, sustentando as informações ou até mesmo revelando outras mensagens durante as interações comunicativas. E, ao ampliar-se a visão acerca das possibilidades expressivas, oriundas do corpo, por meio dos elementos já citados, foi possível dialogar com a literatura, que confirma ser a comunicação não verbal.

Expressa pelos gestos, pela face, postura e orientação corporal, aparência física entre outros aspectos que relacionam o corpo ao ambiente, são manifestações comportamentais relacionadas ao contexto individual e social no qual o falante está inserido (Andrade *et al.*, 2014, p.606).

Corroborando com o autor supracitado, Rocha e Aranha (2017, p.10) ressaltam que os “gestos são utilizados em ocorrências tais como demonstração, afirmação, apelo à memória, interrogação, interrupção e continuidade, entre outros aspectos ligados ao ato comunicativo”.

A ausência de palavras manteve-se novamente evidenciada na fala dos discentes, ao que se compreende que a comunicação não verbal é uma forma de expressão que não se caracteriza pela escrita e pelos sons das palavras, o que faz alusão à comunicação verbal (Broca; Ferreira, 2014). Os autores também fazem menção às finalidades desempenhadas pela comunicação não verbal, entre elas a de

complementar a comunicação verbal. Esta função, mesmo em menor proporção, se manifesta na fala de um discente e ganha relevo na literatura, onde o corpo, por meio da expressividade gestual, detém igual importância à comunicação verbalizada (Magalhães, 2010). O referido autor ainda complementa que as modalidades verbal e não verbal se somam em prol de uma comunicação mais efetiva.

Santos e Andrada e Silva (2016, p. 1452) destacam que “o que se vê é tão importante quanto o que se ouve”. Neste sentido, é imperativo, segundo as autoras, que se reconheça a importância da voz, da comunicação verbal complementada pela comunicação não verbal e, ao mesmo tempo, de se apropriar deste tipo de comunicação como ferramenta de trabalho. Nesta senda, Cestero Mancero (2006) corrobora ao proferir que todo discurso oral se faz acompanhado de gestos faciais, articulados pelos componentes do rosto, como os olhos, sobrancelhas, testa, maçãs do rosto, nariz, lábios, boca e queixo, e, que em muitos casos, as expressões são decisivas na elaboração e na interpretação da mensagem.

Com relação às vivências, por meio das intervenções formativas, buscou-se averiguar se a prática da comunicação não verbal havia contribuído para a ação comunicativa dos sujeitos. A afirmativa foi geral, sendo revelados pelos sujeitos alguns aspectos que justificam sua afirmação. O despertar da consciência comunicativa do corpo (13); melhor compreensão da comunicação não verbal (8), interpretação dos códigos corporais (4); superar desafios (1). Este último, vale destacar, que foi expresso por uma discente, cuja participação no curso era muito limitada devido a sua timidez. A partir das intervenções, a mesma não só passou a interagir na componente proposta, como também nas demais ofertadas pelo curso, conforme o extrato apresentado:

Eu sou uma pessoa bastante tímida. Se pedirem para mim conversar, tipo, falar na frente de todo mundo, eu tenho bastante dificuldade. Eu fico nervosa. Então a CCCG me ajudou nisso, em outras cadeiras que eu participei. Eu tive trabalhos para apresentar, eu consegui me expressar melhor e eu acredito que tenha sido por causa das atividades que eram propostas durante a CCCG (D4).

Como o presente estudo foi voltado ao meio acadêmico, se prospectou uma comunicação clara e objetiva dos futuros docentes. E, por meio da comunicação corporal, buscou-se despertar o sentir, o pensar e o agir por meios dos movimentos intencionais. A consciência do uso dos gestos, as interações permeadas pelo corpo expressivo, o olhar sensível e interpretativo sobre os sinais gestuais abre caminhos para “novas formas de expressão e comunicação no contexto educacional” (Antério; Gomes-Da-Silva, 2015, p.450).

Rosa e Farsani (2021, p. 144) ao investigarem a linguagem corporal do professor de matemática destacam:

Nessa perspectiva, desejamos investigar essa linguagem em termos de ação educacional profícua, ou seja, investigar os gestos produzidos em sala de aula [...]. Nesse movimento, desvelar aquilo que pode não ser notado, refletido, inclusive, pelo próprio professor, de forma a destacar aspectos pedagógicos

referentes à cognição corporificada, os quais acreditamos que poderá vir a contribuir para a aprendizagem do próprio aluno desse professor.

Ao interpretar a colocação dos autores referenciados acima, conclui-se que muitos dos gestos corporais do professor em sala de aula acontecem na inconsciência. Portanto, se faz necessário que o educador desenvolva a consciência dos sentidos expressivos que o movimento transmite (Antério; Gomes-Da-Silva, 2015).

Esta percepção possibilitará ao docente melhor compreender a comunicação não verbal e interpretar os códigos corporais, aspectos estes, que foram mencionados pelos sujeitos quanto à contribuição das intervenções formativas e, reafirmados em (Broca; Ferreira, 2014, p.702), que a comunicação não verbal possibilita não só conhecer o outro, interpretar seus sinais corporais, mas também conhecer a si mesmo, “pois é a partir dessa interação com o outro que o ser humano se constrói”. Apoiar-se também ao que Silva *et al.* (2000, p.53) consideram “a capacidade de ouvir e compreender o outro inclui não apenas a fala, mas também as expressões e manifestações corporais como elementos fundamentais no processo de comunicação”.

A partir das diferentes averiguações sobre a contribuição da prática da comunicação não verbal, durante as intervenções formativas, se desencadeou uma visão mais aprofundada nos discentes, constatando que os mesmos se sentem mais conscientes do uso dos gestos e expressões do corpo, o que levou os pesquisadores, ao questionarem se os mesmos consideram importante a inserção da comunicação não verbal como proposta de metodologia nos cursos de licenciatura. Novamente, obteve-se a totalidade de afirmativas quanto à importância da temática na construção da formação docente. Através das falas expressas, nota-se que a afirmativa está respaldada no fato que, a prática da comunicação não verbal melhora a consciência comunicativa do professor, auxilia na compreensão dos sinais corporais do aluno e, por ser uma proposta diferenciada de metodologia, deveria ser ofertada para todos os cursos.

A opinião dos discentes encontra fundamentação em Rocha e Aranha (2017), que sublinham a linguagem expressa pelo corpo como tema a ser desenvolvido desde a formação docente, considerando:

a importância da linguagem do corpo para se estabelecer sentidos em sala de aula, defendemos que a inclusão de uma disciplina específica sobre a linguagem não verbal é imprescindível para a composição do arcabouço de informações necessárias à prática docente, merecendo, por isso, uma atenção específica que possa trazer benefícios a toda comunidade escolar, contribuindo para a construção de uma educação mais eficiente (Rocha; Aranha, 2017, p.11).

Concebe-se, a partir do pressuposto dos autores, que o corpo e sua linguagem comunicativa e expressiva é um instrumento valioso nos processos interativos que constituem o universo da sala de aula e constituem o fazer docente. Neste viés Farsani e Rodrigues (2021) defendem a necessidade de promover discussões, durante a formação docente, sobre as funções da comunicação não verbal no contexto da

sala de aula. E, sendo os gestos corporais, partícipes da rotina escolar, estes podem operar positivamente ou de forma contrária, posto que, somos também portadores de uma linguagem involuntária, a qual não percebemos.

Assim, se faz necessário o domínio dos dispositivos ofertados pela linguagem corporal já na formação docente, “como mais uma forma de letramento pedagógico, de modo que tal assunto faça parte da grade curricular de cursos voltados à área pedagógica” (Rocha; Aranha, 2017, p.10). Reafirmado em Rosa e Farsani (2021), a versatilidade do corpo em se mostrar como forma interpretativa, permitindo a leitura dos seus muitos signos comunicativos, se faz expressão, compreensão e sentido ao que informa por meio dos gestos, possibilidades estas de intervirem na melhora do processo educativo, através da formação de professores. Também é defendido por Lopes (2018) que a competência comunicativa do docente principia desde sua formação, na busca de produzir “conhecimentos significativos, autônomos e críticos, tanto em si como nos discentes” (Lopes, 2018, p.11).

Infere-se que as intervenções formativas contribuíram na formação acadêmica, uma vez que, segundo os relatos expressos, as mesmas desenvolveram a consciência comunicativa do corpo (16), incitaram a uma maior consciência na atuação docente (9), demonstraram ser a comunicação corporal e os gestos claros e objetivos serem uma forma de aproximação do professor com o aluno (6) e, também, contribuindo na tomada de consciência da imagem corporal do docente frente ao aluno (1). Nos extratos apresentados, confirmam-se os dados apresentados:

Eu acho que contribuindo com a minha personalidade docente vamos dizer. Porque eu acho muito importante o professor se comunicar de todos os jeitos com os alunos (D3).

Como a gente vai ser professor isso daí nos ajuda bastante, porque é uma forma de nós melhorarmos como pessoas também, mas principalmente como professores, para quando a gente chegar na aula, ter uma forma diferente de dar aula e tal (D15).

A componente ajudou muito nisso da gente ter a ciência que a gente tem que usar tudo o que a gente puder, todas as ferramentas que estiverem ao nosso alcance para conseguir construir uma aula legal e uma aprendizagem legal para os alunos (D5).

O exercício da docência prediz que o educador se faça acompanhar de diferentes saberes para que possa legitimar a plena competência pedagógica, o que implica em se apropriar de uma competência comunicativa (Amorim *et al.*, 2015). Para tal desenvolvimento é necessário motivação para o conhecimento, compreensão e ressignificação dos signos comunicativos. Antério (2014) sai em defesa que, o repertório comunicativo ampliado, desencadeará a apropriação da linguagem corporal, viabilizando a sua ressignificação e modificação.

Quanto às relações de proximidade entre professor e aluno, não se deve delegar apenas ao espaço físico a construção destas conexões, mas essencialmente aos vínculos estabelecidos por meio das interações. E, o corpo gestual, ganha

espaço e importância ao aproximar os atores da sala de aula. Embora, muitos docentes ignorem a relevância deste aspecto, não se preocupando com a imagem frente ao aluno, com a forma que se comunica e, até mesmo a maneira com que compartilha os conhecimentos. A ausência desta consciência comunicativa gera um descontentamento por parte do aluno, dificultando a sua atenção e interesse sobre o professor, não contribuindo para uma comunicação concreta, e sem ganhos no processo de ensino-aprendizagem (Souza; Leal; Sena, 2010). Seguindo esta reflexão, tem-se em Antério (2014, p.390) a clareza da pertinência do corpo dentro do contexto educativo, “visto principalmente sua evidenciação daquilo que pode ou não estar comprometendo a boa comunicação entre professor e aluno”.

Neste sentido, o presente estudo se dirige ao questionamento que fundamentou o caminho percorrido nas três etapas apresentadas. A comunicação não verbal, na visão dos discentes, contribui no processo ensino-aprendizagem? Se sim, de que forma? O conjunto de sujeitos foi unânime nas suas confirmações, pois ao se reportarem às vivências nas intervenções formativas, refletindo nas respostas anteriormente expressas, a grande maioria aponta que esta forma de comunicação promove uma maior aproximação aluno/professor (11), desencadeará mudanças na metodologia, a perspectiva de uma nova construção docente (5) e, a melhora na aprendizagem (4).

Através da observação participante e das anotações do diário de campo e, analisando as reflexões expressas pelos discentes, nota-se que os mesmos se tornaram aptos a problematizar, analisar e compreender o significado da comunicação não verbal e sua importância dentro do contexto da sala de aula. Além de estarem mais instrumentalizados a colocar em prática as muitas possibilidades gestuais e expressivas do corpo, passaram a refletir sobre a prática docente mais comunicativa no sentido de produzir significado e conhecimento que lhes possibilitem orientar o processo de reconstrução da prática pedagógica, conforme demonstrado nos extratos:

[...] A construção deste novo olhar do docente frente ao discente (D14).

E, ao passo que eu tenho propriedade no que eu estou falando, quem está me escutando tem mais confiança em mim (D9)

A gente pode com isso mudar as formas de dar aula e tal, fazer umas aulas mais legais com as crianças e com os adultos (D15).

Observa-se pelos dados obtidos e extratos acima, que os sujeitos participantes convergem em sua opinião para a importância das interações ancoradas na gestualidade e comunicação concreta do professor. Esta reflexão ganha aporte em Rocha e Aranha (2017), os quais enfatizam que as relações de maior significado entre sujeito e objeto são construídas por meio dos gestos corporais. Nesta linha, Santos e Andrada e Silva (2016) confirmam que os gestos e os movimentos são importantes fontes de informações para se fazer uma leitura dos sentimentos e emoções expressas através do corpo e, ao se utilizar do não verbal, o professor terá nas mãos importantes ferramentas para melhor interagir com seus alunos, o que

promoverá mudanças na metodologia e, uma destas, é fortalecer as relações entre os atores da sala de aula. Os estudos de Amorim *et al.* (2015) dão sustentação às reflexões acima, destacando as especificidades que contemplam a ação docente assim como as demandas impostas ao exercício da profissão. Os autores fazem um alerta para a necessidade do refinamento das habilidades necessárias ao alcance dos objetivos educacionais, ao ponto do docente comunicar-se de forma competente com os discentes.

E, para que novas possibilidades de ação docente sejam produzidas em sala de aula e, promovam uma nova construção, Rosa e Farsani (2021) fazem um convite aos professores, para que se lancem à criação de uma aula cuja essência do conteúdo a ser ministrado, seja retido pela atenção aos movimentos e gestos expressivos do professor. Porém, os autores preconizam a tomada de consciência do professor em relação aos seus gestos enquanto leciona, uma vez que estes podem corporificar e dar sentido ao que é expresso verbalmente.

Em relação à afirmativa dos discentes quanto às contribuições da comunicação não verbal no processo ensino-aprendizagem, Rosa e Farsani (2021) reforçam que as mensagens não verbais, quando potencializadas, podem repercutir favoravelmente nas relações de ensino e aprendizagem pertinentes ao contexto da sala de aula. Os autores também sublinham a importância dos estudos acerca das interações em sala de aula, os quais podem alavancar discussões sobre as expressões verbais e não verbais e o quanto a maneira, o estilo e a qualidade das informações de ambas, contribuem na prática pedagógica docente.

Lopes (2018), ao corroborar com os autores referenciados, dá ênfase à atuação docente ancorada na competência comunicativa deste profissional, ao mesmo tempo em que alerta para que as habilidades dialógicas e interativas dos docentes precisam ser revistas, desde o processo de formação como do ponto de vista do próprio docente, tamanha a sua relevância no processo educativo.

A comunicação não verbal está intrinsecamente ligada às ações do cotidiano. Sendo assim, não se pode suprimir a rotina escolar, mais especificamente a da sala de aula. Como espaço de viver e conviver, o cenário da sala de aula se descortina para as mais diversificadas interações, o que faz relevante o cuidado com a forma de comunicação estabelecida, tornando imperativo a presença de um professor dialógico e interativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se propor as intervenções pedagógicas aos discentes dos dois cursos de licenciatura, ancorou-se em duas proposições: conhecer as concepções dos discentes acerca do tema proposto para então, ofertar as intervenções pedagógicas, as quais objetivaram estimular, desenvolver e conscientizar da importância da expressão corporal, por meio da linguagem do corpo, como importante estratégia na qualificação das interações em sala de aula.

Ao serem evidenciadas as concepções prévias dos discentes, buscou-se contemplar, primeiramente, através de uma abordagem teórica os referenciais necessários para despertar a reflexão sobre o papel do corpo desde a antiguidade até os dias atuais e, posteriormente, as vivências práticas, onde a comunicação não verbal foi corporificada. Concebe-se que os discentes, ao vivenciarem tais propostas, puderam sentir, refletir e ampliar seus entendimentos sobre o corpo gestual e desvelaram uma quantidade expressiva de elementos presentes na expressividade corporal. Percebeu-se que mesmo utilizando tais elementos, os mesmos passavam despercebidos pelos sujeitos. Desta forma pode-se aclarar sobre a riqueza de sinais não verbais que emanam do corpo e da relevância do seu uso correto nas interações comunicativas.

Outro aspecto importante a destacar, frente às contribuições das intervenções formativas, citadas pelos participantes, predomina, de forma geral, a concordância de que a formação docente deveria ser contemplada com um componente específico que verse sobre a comunicação não verbal. Isto posto, a partir das vivências, os discentes passaram a deter mais consciência e preocupação do seu papel como futuros professores e, também, da imagem que projetam frente ao aluno, sem deixarem de mencionar a melhora na qualidade do processo ensino- aprendizagem que consequentemente ocorreria. A partir desta inserção, nos cursos de licenciatura, vislumbra-se uma nova construção pedagógica, um educador comunicador.

Assim sendo, mesmo diante de resultados que certificam a importância da comunicação não verbal como um saber a mais na qualificação docente, surge a necessidade de mais estudos concernentes ao tema, uma vez que, o interior das salas clamam pela comunicação concreta e objetiva do docente, que ao mesmo tempo precisa ter um olhar sensível para os sinais pronunciados pelo corpo do aluno, na tentativa de interpretá-los e compreendê-los, desencadeando uma aproximação de amizade e cumplicidade dentro do universo escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Caique Souza; MIRANDA, Maíra Avelar. O uso dos gestos e de outros recursos visuais na aula de língua inglesa no contexto do ensino remoto. **fólio - Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 335- 348, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9482>. Acesso em: 18 jun. 2022.

AMORIM, Rosely Kalil de Freitas Castro Carrari de; TROVO, Monica Martins; PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo; SILVA, Maria Júlia Paes da. Formação docente em comunicação não verbal: avaliação de docentes em um projeto piloto. **Revista Saúde**, v. 9, n.1-2, p. 63-75, 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/7fdaf68e-4276-4332-afe1-9a58fae74929/SILVA%2C%20M%20J%20P%20da%20doc%20200e.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ANDRADE, Leilaine Lima Sena de; NASCIMENTO, Ualisson Nogueira; QUINTELA, Sofia Hardman Côrtes; RAMALHO, Larissa Azevedo; CABRAL, Marcella Ferreira Bomfim; MESQUITA, Ingrid Caroline Barreto; FONTES, Aline Almeida; BORGES,

Renata Castelan; VERSUTI, Andrea Cristina. A expressividade do cinema mudo na construção de significados. **Distúrb Comun**, São Paulo, v. 26, n.1, p. 95-100, março, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14753/14180>. Acesso em: 27 jan. 2022.

ANTÉRIO, Djavan. Ações Comunicativas Corporais e seus Significados no Contexto Educacional. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 4, n. 2, p. 377-392, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/WmpTqWj53yzNqP5tV99xvtw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 ago. 2021.

ANTÉRIO, Djavan; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da exploração espacial do educador. **Motrivivência**, Ano XXV, n. 41, p. 206-222, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p206>. Acesso em: 1 ago. 2021.

ANTÉRIO, Djavan; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. A comunicação corporal como saber docente. **Revista Reflexão e Ação**, v. 23, n. 1, p. 446-468, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3031> Acesso em: 30 nov. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BROCA, Priscilla Valladares; FERREIRA, Márcia de Assunção. A equipe de enfermagem e a comunicação não verbal. **REME • Revista Mineira de Enfermagem**, vol. 18, n.3, p. 697-702, jul./set. 2014. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v18n3a14.pdf>. Acesso em: 23 fev.2022.

CESTERO MANCERA, Ana Maria. La comunicaci3n no verbal y el estudio de su incidencia en fen3menos discursivos como la ironía”. **ELUA - Estudios de Lingüística**, Alicante, n. 20, p. 57-77, mar. 2006. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6074/1/ELUA_20_03.pdf. Acesso em: 14 ago. 2021.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenç3o pedag3gica. **Revista Eletr3nica Cadernos de Educaç3o**. n. 45, p. 57-67, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822/3074>. Acesso em: 20 mai. 2021.

FARSANI, Danyal; RODRIGUES, Jackeline. Proxêmica e comunicaç3o n3o verbal na interaç3o em sala de aula. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.25, dez. 2021. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/pee/v25/2175-3539-pee-25-e229866.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

LOPES, Jódna. **A comunicação verbal e não-verbal de docentes do ensino médio e o processo de ensino-aprendizagem**: um estudo de caso. 2018. 129 f. Dissertação. (Mestrado em Docência e Gestão da Educação) – Programa de Pós- Graduação Docência e Gestão da Educação, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2018. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6762/1/DM_J%C3%B3dna%20Lopes.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares. A comunicação não verbal em tempos de máscara no contexto do profissional de arquivos. *Ágora: Arquivologia em debate*, Florianópolis, v. 31, n. 62, p. 01-14, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/948/913>. Acesso em: 26 jun. 2021.

MAGALHÃES, Carla Sofia Cerqueira. **Comunicação sem Palavras**. 2010. 83 f. Dissertação. (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Beira Interior, Covilhã, 2010. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1267/1/Tese_carla%20Magalh%C3%A3es_FIM.pdf. Acesso em: 29 jun. 2021.

MANTOVANI, Marcelo da Silva; RIBEIRO, Maria Celina da Piedade. A influência da comunicação não verbal na interação humana. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 16, n. 2, p. 01-10, ago./dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4474> . Acesso em: 27 set. 2021.

ROCHA, Francisco Igor Arraes; ARANHA, Simone Dália de Gusmão. Letramento gestual e formação docente: uma abordagem da linguagem corporal no ambiente escolar. In: **Anais IV CONEDU**, Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/37336>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

ROSA, Maurício; FARSANI, Danyal. Dois peixes movendo-se em seus mares: como se mostra a linguagem corpórea de professores que ensinam equações matemáticas? **Acta Scientiae**, Canoas, v. 23, n. 4, p. 141-168, Jul./Aug. 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/235160/001136362-02.pdf?sequence=2>. Acesso em: 5 jun.2022.

SANTOS, Telma Dias dos; ANDRADA e SILVA, Marta Assumpção de. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. **Revista CEFAC**, v.18, n.6, p. 1447-1455, nov./dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/L4mN68mg4HvvdjYQxCP5MFN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SILVA, Lúcia Marta Giunta da; BRASIL, Virginia Visconde; GUIMARÃES, Heloísa Cristina Quatrini Carvalho Passos; SAVONITTI, Beatriz Helena Ramos de Almeida; SILVA, Maria Júlia Paes da. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/tDnHtdjX3DGwKb8TMCLPJCq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 mar 2022.

SILVA, William Vagner da; PEREIRA, Lucia Helena Pena. Corpo e movimento na profissionalização docente: a corporeidade na prática pedagógica de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. In: **IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2523_1306.pdf. Acesso em: 8 jun. 2022.

SOUZA, Luisa de Fátima Lucena de; LEAL, Ana Lúcia; SENA, Ester Feijó Correia de. A importância da comunicação não-verbal do professor universitário no exercício de sua atividade profissional. **Revista CEFAC**, v. 12, n. 5, p. 784-787, set./out. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/gKGP8SmvPH6qKfrycxVPW6R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2022.

VIANA, Isabel. Comunicação não verbal e expressões faciais das emoções Básicas. **Revista de Letras**, Vila Real- Portugal, v. II, n. 13, p. 165-181, jan. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330729356_Comunicacao_nao_verbal_e_expressoes_faciais_das_emocoes_basicas. Acesso em: 20 fev. 2022.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 69. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 287 p. ISBN 9788532602084.